

## **DA LÓGICA DA FANTASIA À FINALIDADE DO ATO PSICANALÍTICO**

*Tania Coelho dos Santos*

Uma questão que sempre me instigou é a de saber o que é que, no domínio da subjetividade, advém como efeito do dispositivo analítico. Como conceber a mudança na arquitetura da subjetividade, ao final, ao término de uma análise, sem reduzi-la ao declínio do sintoma ou a um ideal normativo. Qual poderá ser, para além do vocabulário psicoterapêutico de inequívoca procedência da medicina, ou do vocabulário psicopedagógico – herança confusa de práticas moralistas e higiênicas de normalização social, a obra, a finalidade da práxis psicanalítica?

Não pretendo recordar aqui as recriminações rituais, consagradas entre nós desde o advento do lacanismo, aos que praticam uma psicologia do ego. Não vou anatemizar os que consideram uma análise bem sucedida quando são alcançados os ideais de maturidade genital, autonomia do eu, autenticidade ou ainda e, em síntese, de identificação ao ego do analista como um ideal. Parto daí, para problematizar a pro-

posta de Lacan da finalidade (fim, término mas também objetivo) da práxis psicanalítica.

Retomo o problema a partir do deslocamento imposto à questão do final da análise quando Lacan propõe que toda análise é didática<sup>1</sup>, isto é, deve retificar<sup>2</sup> aquilo que ela própria institui: a suposição de um saber sobre o inconsciente. Na seqüência dessa redefinição vem propor que o ato psicanalítico é uma *Vergreifung*, um ato falho, porque erra o alvo e acerta na mosca: *uma análise termina com o advento de um analista*. Eis aí o que parece um jogo de palavras mas que na realidade aponta a face contraditória do término: uma partida do xadrez psicanalítico encerra-se e outra recomeça.

Devir analista não é pois um efeito da identificação ao ego do analista como um ideal. A identificação com o analista, é a identificação com algo que, como Lacan<sup>3</sup> o definiu, opera como objeto *a*, o próprio objeto inconsciente. Eis aí a distância a medir no que concerne o sentido da presença da psicanálise na cultura e na sociedade. Ao término de uma análise temos a identificação do sujeito com o analista enquanto ele opera como objeto *a*, identificação portanto com o objeto inconsciente, em ato. Eis porque ali onde “era” um analisando um analista “deve” advir. Dever ético de fazer advir o objeto do desejo “não advindo ainda” mas, que o sintoma, e a angústia bem sinalizam, já está “na área” em gestação.

Nosso problema desdobra-se na seguinte pergunta: quais são as implicações de uma concepção como essa da terminabilidade no que diz respeito, justamente, à arquitetura subjetiva. Que posição o sujeito assume no que concerne à determinação pelo desejo inconsciente? Ou, dito de outro modo, que conseqüências terá a formulação lacaniana do final da análise para a problemática da análise “com fim” e “sem fim”. O que é que termina e o que é que pode ser retomado e como.

Quero sugerir que Lacan apresenta uma “solução derradeira” para a questão do resto do processo analítico (ou como quer que nós prefiramos chamá-lo: feminilidade, pulsão de morte, excesso pulsional, trauma irreduzível ou o “real”).

Trata-se de pensar que relação o ex-analisando vem estabelecer para com a verdade enquanto “não realizada, enquanto falta-à-ser? De acordo com o que Lacan propõe opera-se uma *Verleugnung*, com o resto. O sujeito que tendo visto reduzir-se a um dejetivo, no curso do seu próprio processo analítico toda paixão pela ignorância, toda suposição de saber sobre o inconsciente, mesmo assim... vem oferecer-se a um outro como suporte na transferência, disso no que ele não mais crê.

A *Verleugnung* é, mais uma vez de acordo com Lacan<sup>4</sup>, essa simulação de que a posição do “sujeito suposto saber” seja sustentável. A via desse engodo é na verdade o único acesso a uma verdade da qual o sujeito será “rejeitado” para, só então, poder ver-se reduzido à sua função de causa de um processo que chega assim ao seu momento de impasse entre “ser” ou “não-ser”. É essa configuração em impasse, a do reconhecimento de um saber que “não se sabe” e que nunca se saberá, que se resolve numa travessia, num passe, na passagem ao ato, pelo qual um analista vem autorizar-se somente de si mesmo e por meio do qual uma análise chega ao seu fim.

O ato psicanalítico é aquele que produz um impasse subjetivo diante do saber inconsciente. No momento mesmo em que o sujeito vê desfazer-se sua suposição de um saber inconsciente, quando justamente ele se destitui radicalmente da condição de sujeito, então, paradoxalmente, declara-se analista. Nessa passagem ao ato, portanto, o sujeito verá renovada a sua condição de sujeito. A dimensão do ato não comporta a “presença do sujeito” mas, o ultrapassa. O sujeito que aspira ao saber, se perde aí. O ato verdadeiro, por isso mesmo, só pode sê-lo quando é falho, quando desaparece a “suposição de saber o que se faz”.

Passo agora a tecer algumas considerações a respeito das relações entre os mecanismos da psicose e da perversão contextualizando-as por meio do contraste entre o movimento psicanalítico anglo-americano e francês. Acredito que esse

contorno possibilite circunscrever mais claramente a problemática que propusemos.

Primeiramente e com segurança, qual será a diferença que podemos estabelecer entre o mecanismo específico da psicose e da perversão no itinerário freudiano? Em que pesem os esforços de Jacques Lacan no sentido de distinguir a *Verwerfung* da *Verleugnung*, Freud ao final da obra nomeará cada vez mais freqüentemente o mecanismo específico do recalque na psicose pelo termo *Verleugnung*. Esse termo fora cunhado no âmbito do mecanismo da formação do fetichismo e liga-se estreitamente à perversão.

O esforço de Lacan no sentido de promover a distinção entre psicose e perversão opõe-se à inclinação que pudemos verificar no âmbito da literatura psicanalítica produzida pelas sociedades ligadas à IPA<sup>5</sup>, no sentido de identificar psicose e perversão. Tal inclinação verifica-se nitidamente no plano da nomenclatura diagnóstica que alterna um tanto ao acaso termos tais como: pacientes difíceis, pacientes *borderline*, casos limite, personalidades psicopáticas, personalidades psicóticas, personalidades narcísicas, caráter psicopático ou psicótico. Tal variação terminológica ajusta-se perfeitamente à dificuldade metapsicológica que verificamos nessa literatura no que concerne à caracterização seja como psicose, seja como perversão, de traços tais como impulsividade (*acting-out*/passagem ao ato), angústia excessiva, grave hostilidade transferencial e reações terapêuticas negativas acentuadas.

A cultura psicanalítica americana incitou a produção de toda uma literatura sócio-antropológica<sup>6</sup> onde circunscreve-se o contexto social marcado pelo declínio da função paterna e a emergência conexas de uma cultura do narcisismo<sup>7</sup>. Nela, psicose e perversão misturam-se mais do que distinguem-se.

Bem diferente da cultura psicanalítica anglo-americana é a posição do movimento psicanalítico francês sob a liderança de Jacques Lacan. É bastante conhecida entre nós sua postulação de mecanismo específico para a psicose, a forclusão do nome-do-pai. A hipótese lacaniana é de que o

nome-do-pai, rejeitado como operador simbólico, retorna para o sujeito como real – isto é, como algo novo, como algo que nunca foi reconhecido antes – impondo-lhe uma tarefa de suplência metafórica que é o trabalho de restauração da realidade psíquica e material por meio do delírio<sup>8</sup>.

A teoria lacaniana da psicose vem marcar profundamente sua releitura da obra freudiana. A marca desse significante, quero crer, distingue o destino da difusão da psicanálise na França do de outros países da Europa e da América. Passamos a creditar ainda, a originalidade francesa da psicanálise ao “elogio da paranóia”, ou seja, a uma nova perspectiva da paranóia como atividade “criadora lógica” e renovadora da ação política. Lacan apropriou-se dessa perspectiva – na verdade introduzida pelo surrealismo de Salvador Dalí – para por meio dela “retornar a Freud” instaurando uma leitura que o recria, que o reinventa. A paranóia crítica foi o método dessa releitura da obra freudiana. Foi exatamente do mesmo modo que Lacan traduziu a ética de Espinoza. Longe de se valer das metodologias historicizantes e plurais próprias à epistemologia das ciências, Lacan “incorpora” os textos que se propõe a ler ou traduzir produzindo uma “versão” que oferece como a única possível. Esse ato se propõe como refundador da verdade. A subversão simbólica é a criação do novo e este é a única coisa que pode ser idêntica à verdade. O ato paranóico é revolucionário, convoca o caos do sentido – revoga a vigência do não, do nome-do-pai – verifica a caducidade de uma dada ordem simbólica e abre o caminho à reinvenção desse significante.

Isso posto, proponho que a originalidade francesa da psicanálise foi uma ampla reinvenção teórica e prática que partindo do funcionamento do inconsciente nas psicoses refunda a teoria do inconsciente declarando-o estruturado como uma linguagem. Trata-se de uma metaforização da tese freudiana de que o psicótico “trata as palavras como as próprias coisas” enquanto que o neurótico as separa pelo recalque. Por meio de uma inversão do algoritmo saussuriano, Lacan esvazia o significante de qualquer referente seja ele externo

ou mental<sup>9</sup>. Em contrapartida, propõe que todo efeito de sentido resulta da combinatória e substituição entre significantes pois que “a Coisa”<sup>10</sup> (*das Ding*) é radicalmente foracluída da cadeia simbólica. Razão pela qual, palavras e coisas (*die Sache*) equivalem-se plenamente no inconsciente. O inconsciente lacanianano é esse “pensa-coisa”, essa propriedade de tratar as palavras como coisas<sup>11</sup>. O manejo da duração variável das sessões realiza no plano do dispositivo analítico as conseqüências da assunção radical do determinismo pelo significante<sup>12</sup>. Vem operacionalizar assim o valor do ato como corte interpretativo. A primazia do ato subverte o lugar do sujeito, pois que este antecipa-se à criação de um sentido que não pré-existe (na consciência de um agente que sabe o que faz) mas que está em vias de advir.

Assim, o fundamento do ato psicanalítico já implica a queda do analista do lugar que lhe é proposto na transferência: o de um sujeito suposto saber. O analista não é o objeto *a*. Ele opera como *a*, ele engaja o sujeito nas vias do engodo para salvá-lo da suposição de saber. No processo analítico, o engodo transferencial é a via de acesso à verdade. A verdade a ser resgatada pela análise não é, na perspectiva introduzida por Lacan, histórica, não é da ordem seja de uma rememoração, seja de uma construção, que a restaure. Sua materialidade é lógica pois é uma verdade de estrutura cuja consistência é a de uma variável designada pela letra *a*, lugar vazio onde delimita-se a singularidade do gozo e por meio do qual proliferam os desejos. Por essa razão o “sujeito” é apenas um resíduo que resiste ao saber<sup>13</sup>.

A queda da crença, da suposição de um saber sobre o inconsciente é uma operação correlata de liberação do objeto como causa. A disjunção entre  $\$$  e *a* vem desmontar a fantasia, provocando um atravessamento do “rochedo da castração”. Como Freud já nos advertia, a fantasia é o véu, que divide o sujeito entre a reivindicação fálica e a ameaça de castração. Mais além do significante fálico, é a feminilidade (*Weiblichkeit*) que homens e mulheres repudiam. Com Lacan, uma análise levada suficientemente longe deve ser “di-

dática”, deve corrigir<sup>14</sup> em definitivo essa posição por meio da qual o sujeito faz do falo o véu que encobre sua verdadeira castração, que é não ser senão Isso, um objeto do desejo do Outro<sup>15</sup>.

Essa formulação nos permitiu ressignificar o *Wo Es war soll Ich werden* freudiano. Ao final da análise, onde Isso era Eu – o Sujeito – devo advir, devo assumir “não ser senão Isso”. Porque a verdade implica o sujeito em ato, a verdade do sujeito, no campo do saber será sempre rejeitada. De acordo com Lacan, o sujeito constituído pela ciência galileana é o mesmo sobre o qual opera a psicanálise. A construção cartesiana, “Penso, logo sou”, explicita aquilo que o nascimento da ciência moderna requer do pensamento<sup>16</sup>. Desdobrando as conseqüências da negação introduzida por Descartes, Lacan nos conduz à seguinte necessidade lógica: “ou eu não penso” “ou eu não sou”. Trata-se aí de uma denegação que opera uma disjunção exclusiva entre a gramática (lógica da fantasia e a Coisa) radicalmente excluída dela. Vê-se que o surgimento do Outro, para Lacan, está ligado à recusa da questão do ser. Já sabemos que o destino do ser que é rejeitado do simbólico é retornar no real. Veremos como esse objeto rejeitado retorna no real da experiência analítica e como esta última retifica essa posição subjetiva.

Se a ciência racionalista do século XVII, que se vê representada no pensamento cartesiano, constituiu essa profunda dicotomia entre corpo e mente, essa *Verwerfung* do corpo, do gozo fundadora do inconsciente. É a psicanálise, entretanto, que funda o inconsciente como saber. Seu fazer, sua práxis consiste paradoxalmente em reduzi-lo, dissolvê-lo. Assim podemos começar a circunscrever a resposta à questão que nos propusemos na abertura desse texto. Que obra é essa a da psicanálise, onde é que ela conduz o sujeito.

O que o dispositivo analítico vem introduzir no mundo é uma terceira negação (a primeira é a negação gramatical e a segunda é a denegação) o “*pas sans*”: “Isso” não seria possível sem “aquilo”. A psicanálise institui o sujeito como barado ao introduzir a função do inconsciente como causa: o

“isso não seria possível sem aquilo”. Ao fazê-lo, o ser, o objeto rejeitado retorna no real na figura do analista. O analista é esse objeto rejeitado no real. O analista é desvelado, reduzido ao objeto causa do desejo quando cai o véu da transferência.

Ao final da análise, a questão do ser é reintegrada pela nadificação do sujeito suposto saber. Este último, é o referente da crença na verdade como algo da ordem da história e por isso é ele que sustenta a atividade da narrativa e da livre-associação. Ao final da análise, a verdade, liberta do jugo da suposição de um Outro que tudo sabe revela-se na sua afinidade de estrutura com o “eu minto”, “eu escrevo”, “eu produzo” a verdade. E essa é a única relação verdadeira com a verdade. Eis porque, o inconsciente lacaniano estrutura-se como uma linguagem em que as palavras são tomadas como equivalentes às próprias coisas (tal como Freud distinguiu o inconsciente na psicose). O inconsciente não conhece igualmente a contradição, pois a verdade aí é lógica e não se limita por nenhuma exigência de adaptação, de realidade, de que seja questão de existência. Vemos assim como Lacan vem articular o dispositivo analítico como fazendo advir o sujeito que funda, que escreve, que mente, que inventa à maneira do método da paranóia crítica de Dali.

O fim da lógica, seu “objeto”, é a exclusão do sujeito suposto saber. É isso que distingue a psicanálise como práxis, reduzir o referente à letra. A letra é aquilo que se repete. O que se repete escapa à regra de que nenhum significante pode significar-se sozinho. A letra é um significante, mas não é um significante que representa o sujeito para um outro significante. A letra é aquele ponto eletivo em que as redes significantes se entrecruzam associativamente. Neste ponto trata-se apenas de uma insistência que se repete: “onde isso estava, eu não penso”

Segue-se que não temos saída pois nesse ponto nenhuma lembrança é possível. Não há nenhum traço. É por isso que é preciso passar ao ato e pelo ato efetuar essa repetição que subverte o sujeito, pois o engaja numa tarefa sem



fim. Ato que o ultrapassa e o destitui como sujeito dos seus atos e consciente dos seus objetivos.

## Referências Bibliográficas

- 1 - Cf. Lacan, J., *Seminário do Ato Psicanalítico*, nº XV, na excelente edição pirata em português.
- 2 - O termo retificação não foi introduzido por mim e sim pelo próprio Lacan no já referido *Seminário nº XV*.
- 3 - Cf. Lacan, J., *Seminário nº XV: O Ato Psicanalítico*.
- 4 - Cf. Lacan, J., *Seminário nº XV: O Ato Psicanalítico*.
- 5 - Coelho dos Santos, T. (1994) "The diffusion of Psychoanalysis and the psychoanalytic movement in Brazil" (excerto de relatório de pesquisa apresentado no IX Forum Of Psychoanalysis promovido pela IFPS em maio/1995 - Florença).
- 6 - Conferir, em particular os volumes: *A cultura do narcisismo e O mínimo eu* de autoria de Christopher Lasch, traduzidos e publicados no Brasil pela Ed. Brasiliense.
- 7 - A cultura do narcisismo é aquela em que os indivíduos, em consequência do declínio da função paterna, apresentam um quadro de ausência de referenciais precisos quanto à diferença eu/não-eu, alternância de estados depressivos e experiências paranóides de engrandecimento do eu ou de angústias persecutórias, impulsividade, forte ambivalência e precariedade dos vínculos afetivos, homossexualismo e promiscuidade sexual.
- 8 - Cf. Lacan, J., *Le Seminaire nº III: Les Psychoses*, Éditions du Seuil, 1981.
- 9 - Cf. Lacan, J., "L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud", *Écrits*, Éditions du Seuil, 1966.
- 10 - No francês *chose* que deriva do latim *carere* e significa causa no sentido de defesa, enquanto que em grego a causa significa acusação, imputação.
- 11 - Cf. Nassif, J., "Comentário à lógica da fantasia" in, *Seminário XV: O Ato Psicanalítico* (ed. pirata) pág 181.

- 12 - Lacan, J., “Le temps logique et l’assertion de certitude anticipée”, *Écrits*, Editions du Seuil, 1966.
- 13 - Cf. Lacan, J., *Seminário XV: O Ato psicanalítico*.
- 14 - O termo corrigir, assim como retificar é utilizado por Lacan e não deriva de qualquer adesão de minha parte ao “discurso universitário”.
- 15 - Lacan, J., *Le Seminaire Livre X: L’Angoisse*, (inédito, edição pirata).
- 16 - Cf. Lacan, “Science e Verité”, *Écrits*, Editions du Seuil, 1966. Nossa leitura serviu-se ainda de Milner, J. C. L’Ouvre Claire, Editions du Seuil, 1995

## **Bibliografia**

- Coelho dos Santos, T., (1994) “The diffusion of Psuchoanalysis and the psychoanalytical movement” (trabalho apresentado no IX Forum Of Psychoanalysis at the Threshold Century(IFPS)), Florença, Itália.
- Coelho dos Santos, T. (1995) “La psychose paranoiaque e la revolution freudienne française” (Trabalho apresentado no Laboratoire de Psychopathologie/ Paris VII).
- Lacan, J. (1962/63) *Seminário X, L’Angoisse*, edição pirata.
- Lacan, J. (1967/68) *Seminário do Ato Psicanalítico*, edição pirata.
- Roudinesco, E. (1994) *Jacques Lacan, Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*, Companhia das Letras.